

RIOS SEM FRONTEIRAS

Portugal e Espanha partilham a maior bacia hidrográfica da Península Ibérica: a bacia do Douro.

O rio Douro corre 927 quilómetros, desde a sua nascente, na Serra de Urbion, até à foz, na cidade do Porto. Mas o rio Douro não corre livremente. Porquê?

Sendo uma bacia internacional com grande potencial para a produção de energia elétrica, o Douro e os seus afluentes têm vindo a ser explorados com este fim, bem como para a irrigação dos campos e abastecimento urbano e industrial.

Durante várias décadas, as barragens foram úteis para as sociedades, mas nos dias de hoje, existem várias alternativas mais sustentáveis e com menor impacto na natureza.

A WWF tem vindo a alertar para o facto de 2/3 dos maiores rios mundiais estarem impedidos de correr livremente, devido à ação de infraestruturas construídas pelo Homem. Isto tem levado a consequências catastróficas para a natureza, com a biodiversidade de água doce a sofrer um declínio em cerca de 84% nas suas espécies desde 1970 e 1/3 dos peixes de água doce atualmente ameaçados de extinção.

Existem, atualmente, quase 5 mil barreiras fluviais na bacia do Douro, estando mais de mil localizadas em Portugal e mais de 3.500 em Espanha. Será que precisamos de mais? Não. Queremos um Douro sem fronteiras e sem mais barreiras, mas isto só poderá ser conseguido através da cooperação ibérica, guiada por quatro focos de ação.

Parar a construção de novas barragens e remover barreiras fluviais obsoletas.

As barreiras existentes no Douro têm graves impactos nas funções naturais do rio:

- Obstruem o transporte de sedimentos até ao mar, provocando a erosão das margens e reduzindo a alimentação das praias litorais;
- Contribuem para a extinção de espécies, como o esturjão do Douro;
- Fragmentam o curso livre dos rios e destroem habitats naturais.
- Danificam os ecossistemas, que perdem a sua capacidade natural de purificação da água e, por isso, esta perde qualidade – o que tem implicações na saúde e bem-estar humanos.

Por outro lado, a remoção de muitas das barreiras atualmente obsoletas na bacia do Douro (sobretudo diques, açudes e represas) é uma das formas mais eficazes e baratas de restaurar o funcionamento e bons serviços desses ecossistemas fluviais. Isto tem sido provado nos últimos anos através das muitas remoções efetuadas noutros países europeus, em particular ao abrigo da iniciativa Dam Removal Europe, que a WWF integra com outros parceiros internacionais.

Transformar o rio Douro e seus afluentes num rio saudável e rico em biodiversidade, em vez de mera fonte de energia hidroelétrica e canal de transporte.

Financiadores e operadores de barragens, empresas, academia, associações, governos e também a sociedade civil devem assumir a responsabilidade de promover um rio Douro saudável através de:

- Maior aposta em soluções infraestruturais baseadas nos serviços dos ecossistemas;
- Aplicação dos princípios da Diretiva-Quadro da Água (DQA) na elaboração dos Planos de Bacia Hidrográfica do Rio Douro, nomeadamente promovendo os caudais ecológicos a remoção de barreiras fluviais obsoletas para restauro da conectividade fluvial;
- Investimento numa maior fiscalização dos usos da água, sancionando más práticas;
- Participação em iniciativas de Water Stewardship e responsabilidade corporativa ambiental, p.ex. através da transformação de modos de produção e negócio, e apoio a projetos de conservação da natureza e restauro ecológico;
- Envolvimento da população na tomada de decisões, promovendo um diálogo entre todas as partes interessadas e afetadas;
- Fazer um uso da água consciente, evitando o desperdício e a contaminação das águas.

Criar alternativas à construção de novas barragens como origens de água para abastecimento urbano e irrigação.

Um estudo publicado em agosto de 2021 na revista Global Sustainability mostra que se todas as barragens hidroelétricas propostas (3.700) a nível mundial fossem construídas, mais de 260.000 km de rios perderiam o seu livre curso. No entanto, a energia hidroelétrica gerada representaria menos de 2% das projeções de energia renovável necessária até 2050 para manter o aumento da temperatura global abaixo de 1,5° C. Não precisamos de mais barragens, mas sim de alternativas sustentáveis como:

- Utilizar de forma combinada as águas superficiais e subterrâneas e aproveitar a água da chuva, p.ex. com charcas e cisternas;
- Reduzir os custos de manutenção e aproveitamento da água nas barragens atuais e nos sistemas de irrigação;
- Construir estações de tratamento de águas residuais mais eficazes (ou modernizar as existentes), viabilizando a reutilização dos efluentes;
- Redirecionar o investimento da construção de barragens para alternativas energéticas mais eficientes e com menor impacto negativo na natureza, como a energia eólica e solar.

Ter maior ambição no cumprimento de objetivos e metas ambientais para a conservação de rios, zonas húmidas e aquíferos, promovendo a cooperação e coordenação entre as várias entidades de ambos os países.

Na Europa, apenas cerca de 40% das águas superficiais (rios, lagos, etc.) estão em bom estado ecológico ou relativamente bom, e só 38% estão em bom estado químico.

Olhando para a estratégia da UE para a biodiversidade, o objetivo é restaurar o livre curso pelo menos 25 000 km de rios até 2030, com várias medidas que incluem a remoção de barreiras, uma vez que as alterações hidromorfológicas (regulação fluvial, barreiras, drenagem, reduções de planícies aluviais, etc.) são o fator que exerce maior pressão nas massas de água.

Em Espanha já se removeram mais de 70 barreiras (pequenos açudes mas também uma barragem de 30m) na bacia do Douro. Já em Portugal não foram ainda removidas quaisquer barreiras no Douro, e apenas 3 a nível nacional.

Urge rever os mecanismos de cooperação e colaboração entre os 2 países ibéricos nestas matérias, pois também eles estão algo obsoletos e necessitados de um impulso político e técnico, em particular no âmbito da Convenção de Albufeira.

Com uma abordagem direta, proativa e colaborativa envolvendo as várias entidades e cidadãos de ambos os países, podemos transformar a bacia hidrográfica do Douro. Os rios saudáveis garantem segurança alimentar para milhões de pessoas com acesso a água e pescarias, alimentam as terras e praias a jusante com sedimentos e nutrientes, e conectam planícies aluviais que ajudam a reduzir os impactos das inundações e sustentam uma biodiversidade rica e diversa.

Precisamos de mais barragens no Douro? Não. Precisamos de apostar nas alternativas hídricas e energéticas já existentes, que oferecem soluções mais sustentáveis de baixo carbono, baixo custo e baixo impacto.